

**DEOCLECIANO DE OLIVEIRA**



**AS NOVAS TECNOLOGIAS E O ENSINO DA ARTE NA  
CONTEMPORANEIDADE: UMA EXPERIÊNCIA COM A FOTOGRAFIA  
DIGITAL**

Belo Horizonte

2013

**DEOCLECIANO DE OLIVEIRA**

**AS NOVAS TECNOLOGIAS E O ENSINO DA ARTE NA  
CONTEMPORANEIDADE: UMA EXPERIÊNCIA COM A FOTOGRAFIA  
DIGITAL**

Monografia apresentada ao Curso de Especialização em Ensino de Artes Visuais do Programa de Pós-graduação em Artes da Escola de Belas Artes da Universidade Federal de Minas Gerais como requisito parcial para a obtenção do título de Especialista em Ensino de Artes Visuais.

Orientador (a): Maurílio Andrade Rocha

Belo Horizonte

2013

**DEOCLECIANO DE OLIVEIRA**

**AS NOVAS TECNOLOGIAS E O ENSINO DA ARTE NA  
CONTEMPORANEIDADE: UMA EXPERIÊNCIA COM A FOTOGRAFIA  
DIGITAL**

Monografia apresentada ao Curso de Especialização em Ensino de Artes Visuais do Programa de Pós-graduação em Artes da Escola de Belas Artes da Universidade Federal de Minas Gerais como requisito parcial para a obtenção do título de Especialista em Ensino de Artes Visuais.

---

Prof.Dr. Maurílio Andrade Rocha - Orientador

---

Prof. Lincoln Volpini Spolaor

---

Prof. Dr. Evandro José Lemos da Cunha  
Coordenador do CEEAV  
PPGA – EBA – UFMG

Belo Horizonte

2013

## **Dedicatória**

## **AGRADECIMENTOS**

Agradeço ao Grande Arquiteto do Universo que na sua infinita magnitude me deu sopro, forças e esperança quando julgava não ter mais forças para completar a sua obra nesse trabalho e a minha família que soube administrar a minha inquietação e ausência.

Agradeço a todos aqueles companheiros desta viagem com quem cruzei caminhos ou caminhei lado a lado na mesma trilha.

Agradeço in memoriam ao professor Paulo Freire que ainda na minha mocidade me fez despertar para ver o mundo com a certeza que ele estava inconcluso e só a educação o concluiria.

“Ninguém caminha sem aprender a caminhar, sem aprender a fazer o caminho caminhando, refazendo e retocando o sonho pelo qual se pôs a caminhar.”

Paulo Freire

## **RESUMO**

O ensino da fotografia trabalhado com criatividade e tecnologia leva o aluno a compreender aspectos da imagem que antes ele não compreendia e este domínio da fotografia pode desenvolver outras habilidades do ensino/aprendizagem que despertará nestes uma nova visão contemporânea e mais reflexiva sobre o uso das novas tecnologias, especialmente a câmera digital.

Palavras-chave; tecnologia, câmera digital, contemporâneo

## LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1- Grade de terços.....	20
Figura 2 - Foto usando grade de terços.....	20
Figura 3 - Enquadramento Centralizado.....	21
Figura 4 - Enquadramento Descentralizado.....	21
Figura 5 - Enquadramento Oblíquo.....	21



## SUMÁRIO

Introdução .....	10
1. As novas tecnologias e o ensino e o ensino de arte.....	12
2. Primeiras experiências como professor de arte no ensino fundamental.....	15
3. Uma experiência de ensino de fotografia digital.....	19
4. Considerações finais.....	25
5. Referências.....	27

## Introdução

Incorporar as novas tecnologias ao ensino de arte é um desafio para todos nós, pois ela é fruto da inquietude do ser humano em dizer e questionar os valores até aqui vividos e presenciados em um curto período de tempo. Esta é uma busca que deve ser feita em sala de aula com experimentações e através de técnicas que poderão suprir as deficiências no ensinar. O ensino da arte é um desafio, pois às vezes queremos ensinar aquilo que por muitos séculos dominou o saber do ser humano como arte e às vezes queremos avançar, buscar e mostrar o que temos de inovação na arte. Nesse momento nos perguntamos sobre como podemos usar as novas tecnologias e o que devemos ensinar para estar em sintonia com o pensamento contemporâneo do ensino da arte.

A pesquisa neste viés é imprescindível, pois ela vem unir nosso anseio em ser atualizados no ensino à perspectiva de atendermos a um aluno que busca estar sintonizado com o mundo da tecnologia.

Buscando para o aluno esta resposta à sua ansiedade também preenchemos a nossa inquietude como educador e com isto a nossa verbalização diante do nosso aluno não soa como não saber.

O avanço da tecnologia universalizou o acesso a vários bens tecnológicos de consumo. Dentre eles, o telefone celular. Diante dessa realidade, propomos sua utilização em sala de aula como forma de ensino da fotografia. Para que esta busca se concretize devemos em um primeiro momento planejar aulas de fotografia utilizando o telefone celular ou câmera simples. Em segundo criar uma forma metodológica de analisar a influência da luminosidade, da sombra, do arranjo espacial do objeto a ser fotografado, dentre outros aspectos técnicos da arte da fotografia. Sistematizar estas ações de forma a poder avaliar estas ações. E em ultimo lugar avaliar estas ações dentro de parâmetros já conceituais do entender e saber artístico para que se possa entender o real valor destas ações de aprendizagem. Os aspectos técnicos da fotografia serão ensinados aos alunos.

Os avanços tecnológicos chegaram para ficar e Paulo Freire (2002) afirma que, para uma educação ética será preciso à busca de uma educação humanista.

E que apenas divinizar ou diabolizar a tecnologia ou a ciência é uma forma altamente negativa e perigosa de pensar a educação. “Educar é substantivamente formar. Divinizar ou diabolizar a tecnologia ou a ciência é uma forma altamente negativa e perigosa de pensar errado.”(Freire, 2002)

Devemos investigar e compreender que o ensino de arte deve passar por uma discussão corajosa onde o saber deve não desprezar os questionamentos mais simplórios que sejam para podermos achar uma saída que pode ser a arte de pensar a própria vida.

Quando Paulo Freire diz; “devemos ensinar a pensar e não só fazer”, ele pretende habilitar o aluno a “ler o mundo”. (FREIRE, 1982)

O ensino da fotografia trabalhado com criatividade e tecnologia leva o aluno a compreender aspectos da imagem que antes ele não compreendia e este domínio da fotografia pode desenvolver outras habilidades nos alunos, e de que forma isso se relaciona com as resoluções da IX Conferência Ibero-americana de Educação Importante ainda se faz ressaltar que na IX Conferência Ibero-americana de Educação, da qual o Brasil é signatário, consta na resolução 42; O sistema educativo sente-se cada vez mais pressionado face às exigências do mercado de trabalho, as exigências gerais do desenvolvimento e do fortalecimento da democracia, pelo que resulta imperativo aprofundar as reformas educacionais ou melhorar a qualidade das que já estão em funcionamento, mediante avaliações.

## 1. As novas tecnologias e o ensino de arte

Incorporar as novas tecnologias ao ensino de arte é um desafio para todos nós, pois ela é fruto da inquietude do ser humano em dizer e questionar os valores até aqui vividos e presenciados em um curto período de tempo. Esta é uma busca que deve ser feita em sala de aula com experimentações e através de informações técnicas que poderão suprir as deficiências no ensinar. Segundo Paulo Freire; "Educar é substantivamente formar. Divinizar ou diabolizar a tecnologia ou a ciência é uma forma altamente negativa e perigosa de pensar errado. (Freire. 1996,18)

As câmeras digitais avançaram de tal forma que facilitaram muito o uso da fotografia e os celulares popularizaram a fotografia a ponto de incomodar na sala de aula. Tratar imagens fotográficas é uma operação cada vez mais simples para os alunos e a criação de desenhos no computador ampliou a possibilidade de interferência nas imagens produzidas.

Entretanto devemos ter atenção sobre estas novas tecnologias como diz Roza Lavelberg, diretora do Centro Universitário Maria Antonia, na capital paulista; "Antes, o professor precisa mostrar à turma de que forma essas ferramentas têm sido usadas não só pelos artistas, mas pela sociedade".

Na década de 80 a professora Léa da Cruz Fagundes pioneira no uso da informática educacional no Brasil trabalhando em suas pesquisas descobriu que o computador é um recurso "para pensar com", e que os alunos aprendem mais quando ensinam à máquina.

A professora Léa nos conta que os professores que tem dificuldade de aceitar as novas tecnologias devem quebrar a resistência não ter medo de errar nem vergonha de dizer "não sei" quando estiver em frente a um micro. Na sua afirmativa ela diz<sup>1</sup>;

O computador não é um simples recurso pedagógico, mas um equipamento que pode se travestir em muitos outros e ajudar a construir mundos simbólicos. O professor só vai descobrir isso quando se deixar conduzir pela curiosidade, pelo prazer de inventar e de explorar as novidades, como fazem as crianças.

---

<sup>1</sup><http://revistaescola.abril.com.br/politicas-publicas/planejamento-e-financiamento/podemos-vencer-exclusao-digital-425469.shtml>

Em sua tese de doutorado que defendeu em 1986 Ihe permitiu comprovar o funcionamento dos mecanismos cognitivos durante a construção de conhecimentos. Nos anos 1990 iniciou as experiências de conexão e confirmou uma das suas hipóteses: as crianças pobres consideradas de pouca inteligência pelas escolas, quando se conectam e se comunicam no ciberespaço, apresentam as mesmas possibilidades de desenvolvimento que os alunos bem atendidos e saudáveis.

Ainda na sua entrevista a professora Lea afirma que; Cabe ao professor, no entanto, acreditar que se aprende fazendo e sair da passividade da espera por cursos e por iniciativas da hierarquia administrativa e como sugeria Einstein, quando se trata de construir conhecimento é mais produtivo infringir as regras.

Esta recomendação nos abaliza pela iniciativa e reforça a decisão de em parte transgredir as leis vem ao encontro da nossa iniciativa de tomar decisões contrárias as normas da escola, porém com a intenção de avançar em novas possibilidades no ensino.

Se para alguns professores no contato diário o desafio do aprendizado é considerado divagação e perda de tempo fico com a afirmação de Papert;

Hoje, os professores se vêem diante do que pode ser considerado, ao mesmo tempo, um grande desafio e uma grande oportunidade: utilizar as TCI como meio para construir e difundir conhecimentos, e ainda, para concretizar a necessária mudança de paradigma educacional, centrando seus esforços nos processos de criação, gestão e regulação das situações de aprendizagem.” Papert (1994, p. 6),

Com a evolução da tecnologia, a qualidade fotográfica da câmera digital chegou próximo à perfeição.

Durante o processo de criação da fotografia era impensável a tecnologia hoje existente e ninguém poderia imaginar que, em apenas um clique, seria possível chegar a tal resultado: fotos com cores vibrantes, ótima definição e tantas outras características que tornaram as impressões muito fiéis à realidade.

As câmeras digitais e telefones celulares com câmera digital têm inúmeras vantagens sobre a câmera analógica e isto é que nos permite utilizá-la como ferramenta no aprendizado nas artes visuais:

- ✓ Não há custos com a compra de filmes e revelações desnecessárias.
- ✓ Permite a visualização imediata das fotos capturadas através do sistema digital, às fotos que não ficaram boas ou que não foram selecionadas podem ser apagadas e, conseqüentemente, obtém-se espaço livre na memória interna da câmera ou no cartão de memória.
- ✓ As fotos podem ser transferidas rapidamente para um computador, por meio de cabos USB, de leitores de cartão de memória ou via *wireless*.
- ✓ A transmissão das fotos digitais é rápida e, com a Internet, pode ser feita para vários locais.
- ✓ Permite a manipulação das fotos (ajustes de tamanho, nitidez, temperatura, cor etc.) em *softwares* de edição de imagens.

Como as desvantagens no uso da câmera digital no ensino são insignificantes preferimos não exemplificá-los.

## **2 - Primeiras experiências como professor de arte no ensino fundamental.**

Este relato de experiências e vivências na educação começam de 1980 no Colégio Cristo Redentor no bairro Barreiro, Belo Horizonte, no ensino de Desenho Técnico, Normas e Organização para curso de Auxiliar Técnico Mecânico, na primeira serie do segundo grau.

Todo trabalho de ensino foi feito com auxílio de apostilas e informações no quadro. Estas informações e formas didáticas de lecionar já não apresentavam um retorno adequado ao desenvolvimento do aluno, pois os desenhos em três vistas – vista frontal, elevação e vista lateral eram de difícil compreensão e a maioria dos alunos não conseguia assimilar devido à falta de embasamento anterior.

Passei a fazer todas as informações do desenho em perspectiva e sempre que possível acrescentava projeção de sombras para tornar o entendimento visual mais fácil.

Chegando a Escola Estadual percebi que a mesma não tinha um planejamento para educação artística. A matéria era tratada de tal forma que os alunos repetiam alguns exercícios já totalmente superados do ponto de vista pedagógico, como colorir, completar e reproduzir desenhos, em um processo de imitação, sem espaço para a criatividade. Percebi que esta repetição não deveria ser seguida. Após fazer um plano de aula foi possível integrar os alunos em uma nova abordagem da arte na escola. Uma forma de ensino que saísse das rotinas pré-existentes na escola como trabalho.

No momento que assumi os primeiros anos do ensino fundamental, a EJA (Ensino de jovens e adultos) e o Pav (Programa de aceleração para vencer) comecei a trabalhar conteúdos que acreditava serem de motivação para os alunos como exemplo: tipos de linha e sua visibilidade física como linha horizontal (que segue a linha do horizonte), linha vertical (aquela que segue a mesma posição de poste ou de uma porta), linha curva (aquela que segue como a curvatura de uma bola) e outras mais.

Toda esta enumeração de linhas era uma forma do aluno aprender a se localizar no mundo com as suas diversas formas e arranjos.

Paralelamente trabalhei com tópicos do programa anterior da escola como Conhecimento e expressão de artes visuais: A arte na Pré-História, escultura, arquitetura e pintura. Utilizava-me da apresentação de slides com as obras estudadas e, adicionalmente, mostrava as posições de tomada de ângulos das fotografias das obras, sempre visando aguçar a visão do aluno em relação à câmera fotográfica simples.

Durante dois anos trabalhei vários conteúdos como estes que aqui exponho.

CONTEUDO PROGRAMATICO		
Unidades	C/H	Subunidades
1- A arte na Pré-história	4	As primeiras expressões artísticas. O ser humano retrata a si mesmo. A arte da escultura e da cerâmica. A arte na pré-história brasileira. Atividades
2- A arte no Egito	4	A arquitetura. A pintura. A escultura. Atividades
3- A arte na Grécia	4	A escultura. A arquitetura. A pintura em cerâmica. A escultura no período Helenístico. Atividades
4- A arte romana	4	A escultura. A arquitetura. A concepção arquitetônica do teatro. O aqueduto: uma importante obra pública. A pintura. Atividades
5- A arte românica	5	A arquitetura. Na rota dos peregrinos. As igrejas românicas. A arquitetura românica na Itália. A pintura. Atividades
6- A arte gótica	4	A arquitetura e a escultura. A arquitetura gótica e os vitrais. Os manuscritos ilustrados. A pintura. Atividades
7- O renascimento na Itália	5	A arquitetura. A pintura. A escultura, Atividades.
8- O renascimento na Alemanha e nos Países Baixos	6	Durer: A arte e a realidade, Hans Holbein: a dignidade humana. Bosch: a força da imaginação. Bruegel: um retrato das aldeias medievais. Atividades

Quando passei a lecionar para alunos dos 4<sup>o</sup> e 5<sup>o</sup> anos, senti-me mais encorajado a trabalhar novos conteúdos. Apresentei aos alunos um conteúdo musical que acreditei ser importante a sua formação artística e aumentasse o conhecimento e curiosidade em relação à música.

Esta matéria levava os alunos ao que denominei Audição – Famílias de Instrumento na Orquestra Sinfônica.

Inicialmente a experiência não foi boa, pois os alunos ficavam dispersos e apesar da minha insistência, criava uma lacuna entre o professor e o aluno. Acredito que o



repertório, sendo clássico, não tocou os alunos. Porém na época não me ocorreu alternativa imediata.

Participando de um curso na Funarte nos foi apresentado em vídeo um grupo de percussão que utilizava a dança e recursos cênicos na apresentação, este grupo chamava-se Stomp<sup>2</sup>. Comecei a pesquisar este seguimento da arte, que chamava a atenção dos alunos e era um bom argumento para trabalhar a arte.

Na medida em que pesquisava fazia um diálogo com a linguagem da fotografia e do vídeo para avaliar o que era melhor para trabalhar as aulas de arte.

A partir disso fui fazendo algumas avaliações sobre a apreciação e receptividade dos alunos e sua aceitação pela direção da escola.

Uma das aulas das inserções feitas foi conforme demonstrado abaixo;

## FILMOGRAFIA NO ENSINO DE ARTE

STOMP; Grupo de percussão de rock que também se utiliza da dança e de outros recursos cênicos em seus vídeos.

- ORGANIZAÇÃO
- CRIATIVIDADE
- RITMO
- DISCIPLINA
- TRABALHO

1. Onde esta a organização do grupo?
2. Como acontece a criatividade do grupo?
3. O que você considera ritmo?
4. Disciplina é um dos motivos de êxito do grupo. Por quê?
5. Como o trabalho se dá na arte, levando como exemplo o grupo Stomp.

Logo após o grupo Stomp apresentei o Blue Man<sup>3</sup> que utiliza da dança, percussão e de outros recursos cênicos em suas apresentações inclusive vários instrumentos fabricados de tubos de PVC (tubos de instalação hidráulica) criando várias

---

<sup>2</sup> <http://www.broadway.com/shows/stomp/>- acesso em 04-11-2013

<sup>3</sup> <http://www.bluemangroup.com.br/>- acesso em 04-11-2013

interações entre as diversas áreas das artes visuais, como visualização das batidas combinadas entre tambores levantando partículas coloridas, apresentando um cenário lúdico e ao mesmo tempo interativo entre os participantes.

Aproveitando a informação do Blue Man que já estava sendo veiculada com frequência nas redes de TV como propaganda de uma empresa de telefonia celular, chamei atenção dos alunos para um grupo de músicos mineiros, o UAKTI<sup>4</sup>, que apropriando de recursos tecnológicos para fabricar novos instrumentos estava fazendo sucesso em composições de temas em novelas. Este grupo além de usar tubos de PVC como utilizava os Blue Man, utilizavam de rodas de bicicleta, bicas de água, panelas de barro, cabaças e outros instrumentos criados pelo grupo.

Estas inserções foram muito valiosas como forma de aumentar o interesse dos alunos pelas aulas e deu uma dimensão de que poderia trabalhar com os alunos outras mídias e suas possíveis relações com a arte.

---

<sup>4</sup><http://www.uakti.com.br/>- acesso em 25-10-2013

### 3. Uma experiência de ensino de fotografia digital

Partindo do interesse dos alunos pelas novas mídias e pela tecnologia, principalmente o telefone celular, cujo uso era proibido na escola e gerador de conflitos no ambiente escolar, solicitei à direção da escola autorização para usar a câmera ou telefone celular como captador das imagens a serem trabalhadas no ensino de arte.

Na procura de informações e métodos que pudessem ser úteis na motivação dos alunos e na busca de metodologias de ensino que incluíssem as novas tecnologias, coloquei para a direção da escola que a busca era apoiada na abordagem triangular de Ana Mae Barbosa<sup>5</sup> e no CBC - Conteúdos Básicos Comuns de Minas Gerais que são baseados no PCN - Parâmetros Curriculares Nacionais<sup>6</sup>. Os CBC proporcionaram ao professor certa autonomia de escolha, colocando ser preferível o aluno ter um ensino consistente em duas ou três áreas de expressão artística do que um ensino deficitário em todas<sup>7</sup>.

Para que toda esta nova incursão desse certo, trabalhei na quarta e quinta séries as composições com sólidos geométricos e suas projeções de sombra, conforme a incidência da luz, sempre com os olhos voltados a utilização destes conceitos da fotografia.

Anteriormente já havia trabalhado na introdução à teoria da forma e aos elementos da composição, conceitos fundamentais ao entendimento da organização da imagem. Nestes conceitos foram colocados; a disposição do objeto, o peso do objeto na composição e as linhas de organização na composição.

Começamos por tirar fotografia de qualquer elemento; uma pessoa, algum objeto no corredor, caderno, mochila ou objetos sobre a carteira.

---

<sup>5</sup> BARBOSA, Ana Mae. *Tópicos utópicos*. Belo Horizonte: C/ARTE, 1999.

<sup>6</sup> <http://portal.mec.gov.br/seb/arquivos/pdf/introducao.pdf>

<sup>7</sup> CBC – Proposta curricular – Arte- Pag. 21

[http://crv.educacao.mg.gov.br/sistema\\_crv/banco\\_objetos\\_crv/%7BE9F7E455-BC41-480C-BB41-6BC032BE8999%7D\\_livro%20de%20artes.pdf](http://crv.educacao.mg.gov.br/sistema_crv/banco_objetos_crv/%7BE9F7E455-BC41-480C-BB41-6BC032BE8999%7D_livro%20de%20artes.pdf) – Acesso em 14-11-2013

Utilizando a câmera do telefone como ferramenta na aula de arte, especificamente como captador destas imagens, começamos trabalhando a leitura das imagens em sua complexidade (quantidade de luz, enquadramento, equilíbrio de cores, ângulo da tomada, peso das figuras, etc.).

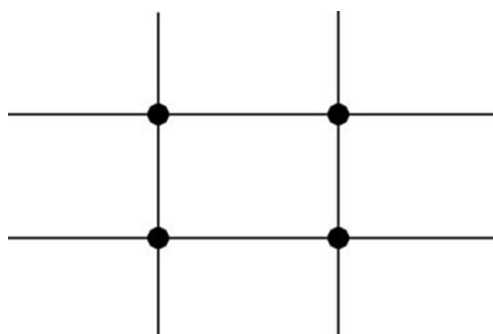
Utilizar a câmera do telefone como ferramenta na aula de arte, especificamente como captador destas imagens era um desafio simples e ao mesmo tempo complexo, para tal começamos por fotografar os corredores, alunos encostados nas carteiras, mochilas sobre as carteiras, arranjos de objetos sobre a mesa e posição das luzes e sombras na sala sempre tendo o cuidado de preocupar com a qualidade do que esta sendo fotografado e que vai ser trabalhado na leitura das imagens em sua complexidade (quantidade de luz, enquadramento, equilíbrio de cores, ângulo da tomada, peso das figuras, etc.).

Para trabalhar as possibilidades da captação das imagens tínhamos que ter como parâmetro os enquadramentos das imagens para que já partíssemos de algum mais concreto e esta matéria tinha o seu aprendizado na iniciação da teoria da forma.

Na teoria da forma trabalhamos varias posicionamento das imagens e das linhas que passam pela organização das mesmas.

Levamos aos alunos inúmeras imagens fotografadas em slides comparando-as com as imagens que tínhamos já nas aulas de desenho onde objetos colocados em diversos arranjos nos davam a noção de organização que podem ser levadas em consideração ao fotografar.

Uma das organizações mais básicas é a divisão da tela da imagem em terços para que a imagem do assunto não fique centralizada.



**Fig. 1** Grade de terços



**Fig.2** Foto usando grade de terços

Figura 1 e 2 - [www.ev.org.br/](http://www.ev.org.br/) - acessado em 09-09-2013

Para isso, ao olhar através do visor da câmera, imaginemos que há linhas dividindo a imagem em terços, tanto na horizontal quanto na vertical, o resultado disto é uma imagem composta por nove blocos do mesmo tamanho. Com esta grade imaginária procuremos colocar o assunto na intersecção das linhas, que sugere quatro posições diferentes. Sua utilização faz com que a fotografia fique muito mais equilibrada e sua composição mais agradável visualmente. A intercepção dos terços resulta ainda melhor se os outros elementos do plano forem organizados de modo a conduzir a atenção para esses pontos. Esta não é uma regra obrigatória, mas depende muito da sensibilidade de quem fotografa.

Como forma de adequação da imagem a sua visão na fotografia trabalhamos o enquadramento da composição que nos dá uma introdução ainda melhor à distribuição do assunto ou objeto a ser fotografado.

O termo enquadramento define a posição da câmera, ou ângulo de tomada de vistas, em relação ao centro de interesse e às margens da imagem, ou seja, entende-se por enquadramento o processo de isolar uma porção do nosso ângulo de campo visual.

Podemos ter vários tipos de enquadramento;



Figura 3 – Centralizado

Figura 4 – Descentralizada

Figura 5 - Oblíquo

Fig. 1, 2 e 3 - <http://www.slideshare.net/guest726c90f/a-composio-da-imagem> - acessado em 23/11/2013

Centralizado - Reforça o valor descritivo da imagem sem grandes pretensões quanto à composição.

Descentralizada - Convida mais à interpretação pela posição assimétrica do sujeito, que é interpretado com base na sua posição.

Oblíquo - Reforça a sensação de instabilidade de qualquer motivo que estamos habituados a ver direito.

Informava sempre aos alunos que seguindo todas as informações básicas de composição na fotografia devemos ter em conta que não devemos colocar dentro de campo – dentro do enquadramento – algo sem um propósito definido que fuja do assunto que queremos abordar.

### Luz natural<sup>8</sup>

Colocamos para os alunos em outro momento que a luz é matéria prima da fotografia e para isto o processo de fotografar é baseado na captura de luz para um suporte seja analógico (película) ou digital (cartão de memória) e é essa luz que constitui as imagens formadas no suporte. É muito importante conhecê-la, aproveitar suas características e recursos em inúmeros horários do dia para tirar o máximo proveito dela, inclusive a luz artificial.

Ao amanhecer, por exemplo, os tons são mais quentes, com cores avermelhadas ou alaranjadas, oferecendo ainda mais beleza às paisagens, já à tarde a intensidade da luz é mais forte, produzindo imagens com boa definição e detalhes bem definidos.

Uma coisa que devemos observar é que no amanhecer ou ao anoitecer, a luz incide de forma lateral e ilumina diretamente os objetos fotografados, criando sombras que dão volume e realçam as formas dos elementos da fotografia. Com paciência você observará que o pôr-do-sol, terá todas as variações de tonalidades e cores que ocorrem. Aproveite, pois nestes momentos é possível capturar imagens inusitadas e surpreendentes!

É bom lembrar aos alunos que o objetivo principal das câmeras de celular é de produzir fotos de lembrança. Por esse motivo, essas câmeras trazem muitas limitações de qualidade e controle. Mas é possível tirar excelentes fotografias usando um aparelho celular.

---

<sup>8</sup> [http://achfoto.com.sapo.pt/hf\\_1luz.html](http://achfoto.com.sapo.pt/hf_1luz.html)

## Luz artificial<sup>9</sup>

Quando a luz natural não é suficiente para iluminar a cena a ser fotografada, como em um ambiente fechado ou à noite, sempre é possível utilizar luz artificial, para que as fotos sejam capturadas com qualidade.

A luz artificial mais usada é o flasheletrônico e todas as câmeras amadoras ou telefones celulares vendidas atualmente têm um flash embutido que funciona de maneira automática, porém devemos tomar algumas precauções, pois produz imagens chapadas com sombras densas e também, causa o efeito de "estragar" a imagem, pois algumas áreas mais claras da foto perdem totalmente a definição e ficam brancas. Este tipo de iluminação é chamada de luz dura e tira toda a textura e equilíbrio de cores da imagem.

Na verdade sabemos que quaisquer outras fontes de luz podem ser utilizadas para iluminar uma cena, como holofote, lâmpadas ou velas, que são chamadas de "fontes de luz contínua" desta forma uma lanterna pode ser uma excelente fonte de luz se soubermos utilizá-la devido à boa qualidade de captação das imagens pelas câmeras digitais.

De fato todos estes inúmeros dados informativos e metodológicos nos levaram a uma nova vivência no trato com a fotografia e outra dimensão no ensino da fotografia e arte; as fotografias já tinham certa qualidade de luz, o enquadramento já tinha melhorado, a posição dos assuntos já tinha uma razão de sua colocação e em alguns casos uma tomada inusitada que não seguia os parâmetros informativos ou metodológicos surpreendia devido a sua propriedade ímpar que utilizando às vezes um zoom ou ângulo inimaginável. Esta era uma fotografia que nos atínhamos a ela devido ao seu aspecto peculiar.

Além disso, elaboramos aulas onde o arranjo de objetos (sólidos geométricos) era organizado com a intenção de fotografar e a partir disto fazermos uma análise tanto do aspecto artístico da montagem baseada na introdução da teoria da arte como na avaliação e apreciação fotográfica. Neste sentido todo o trabalho teve um ganho muito considerável onde os alunos cresceram seu interesse tanto no interesse pela

---

<sup>9</sup> [http://achfoto.com.sapo.pt/hf\\_1luz.html](http://achfoto.com.sapo.pt/hf_1luz.html)

matéria como também pela fotografia e novas tecnologias inclusive expressando conhecimento que ainda não tinham sido abordados em sala de aula.

Como se dava arranjo das composições?

1. Em um suporte horizontal (na maioria das vezes) pedíamos a um dos alunos que o arranjo dos objetos de forma que a composição pudesse nos ajudar ao fotografar. Sempre era bem vinda à opinião de outro aluno que quisesse interferir neste arranjo para melhora a visibilidade e harmonia.
2. Cada aluno captava as suas imagens (total de cinco por aluno), do lugar onde estava ou mudava de lugar de acordo com a sua sensibilidade e criatividade visual.
3. Escolhia entre as cinco imagens a que melhor expressava o seu sentimento de organização, enquadramento, iluminação e criatividade.
4. Depois das fotografias selecionadas carregava estas fotografias em uma CPU e em um pen drive, como arquivo de segurança sendo que todo este processo era repassado aos alunos, porém sem muitos detalhes devido o pouco tempo que temos - 50 cada aula.
5. Em aula destinada somente para avaliação, projetávamos as imagens e este trabalho era de grande interação dos alunos, com anotações e os alunos já conseguiam fazer considerações bastante pertinentes ao ensinado e vivenciado.
6. Suas anotações eram levadas a próxima aula onde tudo este conteúdo era discutido, avaliado por todos os alunos que opinavam sobre o conteúdo.
7. Este material levado para casa deve ser transformado em um material de consulta devendo ser enriquecido com os acréscimos de informação sobre arquivamento das imagens e anotações discutidas e pesquisadas para termos um arquivo para consulta.



## Considerações finais

No meu entendimento creio que no uso da câmera digital terá êxito se a sensibilidade e o embasamento teórico e prático do professor e alunos forem trabalhados, por isto concordo plenamente com a afirmativa dos professores autores da apostila de fotografia<sup>10</sup>;

Os equipamentos disponíveis no mercado são muito variados, oferecendo cada vez mais recursos especializados tanto para os usos domésticos quanto para práticas profissionais. Mais importante, porém, do que dominar a câmara que se usa é desenvolver o olhar e a intenção do fotógrafo, além de conhecer as características do meio em que transitará e será apresentada a sua foto.

Por isto é importante citar Henri Cartier-Bresson<sup>11</sup> um dos fotógrafos mais significativos do século XX, inclusive intitulado por muitos profissionais como o pai do fotojornalismo, que traçou a sua história na fotografia somente utilizando uma antiga *Leica*, com uma objetiva de 50mm, e filmes preto& branco, pois não tinha afinidade alguma com implementos fotográficos mais sofisticados e reflete sobre este assunto dizendo tudo em uma frase; Para fotografar, buscando o momento decisivo é preciso manter a mente, o coração e o olho em sintonia.<sup>12</sup>

Em um livro do Instituto do pensamento – Tecnologias na escola; Como explorar o potencial das tecnologias de informação e comunicação na aprendizagem, encontramos algumas informações e procedimentos para nortear esta busca de como trabalhar as novas tecnologias. Acredito ser para professores e alunos e foi muito útil para minha informação.

A professora Leá da Cruz Fagundes que faz a apresentação inicial deste livro nos diz com muita propriedade de pesquisadora;

As tecnologias analógicas serviram como próteses: expandiram os poderes mecânicos e sensoriais do ser humano, sua percepção e memória. Mas as tecnologias digitais servem para expandir seus poderes cognitivos. Elas podem ser usadas para empoderar percepções e memórias, mas também para libertar seu pensamento no uso e na construção da criatividade, do virtual, na ampliação e no

---

<sup>10</sup> COELHO. Luis Moraes | AZEVEDO. Patrícia | BAPTISTA. Paulo - Fotografia e tecnologias contemporâneas; 2000.37

<sup>11</sup><http://www.infoescola.com/artes/a-fotografia-de-henri-cartier-bresson/>. Acesso em: 12/10/2013

<sup>12</sup> CARTIER-BRESSON, Henri. El instante decisivo. In: FONTCUBERTA, JOAN (Org.). Estética fotográfica: selección de textos. Barcelona:

desenvolvimento do juízo lógico e da consciência. Podem ser próteses cognitivas<sup>13</sup>.

Minha opinião é que ela avança na sua afirmativa sobre a eficácia das novas tecnologias na educação e embora alguns pudessem se opor a esta proposta de novas tecnologias no ensino especialmente a câmera digital, eu responderia que a experiência vivenciada na E.E.George Chalmers me leva a acreditar que todo o processo de aprendizagem que é norteado pela abordagem triangular de Ana Mae Barbosa estava na trilha correta da educação.

Também entendo que o ensinamento básico da fotografia deveria caminhar junto com a formação técnica do professor sem excluir a parte mais artística do trabalho que é a sensibilidade e ir ao encontro do que Henri Cartier-Bresson reflete sobre esse assunto deixando, nesta frase sua opinião:A composição deve ser uma de nossas preocupações constantes, até nos encontrarmos prestes a tirar uma fotografia; e então, devemos ceder lugar à sensibilidade”<sup>14</sup>

As experiências vividas nas escolas onde as ações que são contrárias as normas pré-estabelecidas e engessadas são sempre vistas com desconfiança, por isto devemos ser insistentes, pois estamos construindo conhecimento.

Nós professores de arte temos que ter o coração e a mente aberta, quebrar a resistência, não ter medo de errar nem vergonha de dizer "não sei" quando estiver diante de uma situação ímpar que precise de mais informação.

Desta forma torna-se necessário promover nos alunos e professores novas formas de agir, de pensar e de ser, construindo uma revolução no ensino que seja transformadora e inovadora e que altere os paradigmas tradicionais, buscando o desenvolvimento da autonomia e da cidadania.

---

<sup>13</sup> SEABRA, Carlos. Tecnologias na escola. Porto Alegre.: Telos Empreendimentos Culturais, 2010 1a edição.2010.

<sup>14</sup> SEABRA, Carlos. Tecnologias na escola. Porto Alegre.: Telos Empreendimentos Culturais, 2010 1a edição.2010

## REFERÊNCIAS

BARBOSA, Ana Mae. *Tópicos utópicos*. Belo Horizonte: C/ARTE, 1999.

CARTIER-BRESSON, Henri. El instante decisivo. In: FONTCUBERTA, JOAN (Org.). *Estética fotográfica: selección de textos*. Barcelona: Editorial Blume, 1984

FREIRE, Paulo Freire. *Pedagogia da Autonomia*. 36. ed. São Paulo, Paz e Terra, 2002.

MC LUHAN, M., *Os meios de comunicação como extensão do homem* São Paulo: Cultrix, ... *Essential McLuhan*, Ed. Basic Books, 1995.

MORAES; Luis Coelho , AZEVEDO Patrícia, BAPTISTA Paulo. *Curso de Especialização em Ensino de Artes Visuais – Vol. 2 Fotografia e Tecnologias Contemporâneas*. Belo Horizonte: Escola de Belas Artes da Universidade Federal de Minas Gerais, 2009.

PAPERT, Seymour. *A máquina das crianças: repensando a escola na era da informática*. Porto Alegre: Artes Médicas, 1994.

SEABRA, Carlos. *Tecnologias na escola*. Porto Alegre. Telos Empreendimentos Culturais, 2010 1a edição. 2010.

SECRETARIA DE ESTADO DE EDUCAÇÃO DE MINAS GERAIS. *Conteúdo Básico Comum – ARTE (2008)*. Ensinos Fundamental e Médio.

### Sites consultados

FUNDAÇÃO BRADESCO. *Introdução à fotografia digital*. Disponível em [www.ev.org.br](http://www.ev.org.br). - Acesso em 06-10-2013

[http://achfoto.com.sapo.pt/hf\\_1luz.html](http://achfoto.com.sapo.pt/hf_1luz.html) - acesso em 8-10-2013

[http://crv.educacao.mg.gov.br/sistema\\_crv/banco\\_objetos\\_crv/%7BE9F7E455-BC41-480C-BB41-6BC032BE8999%7D\\_livro%20de%20artes.pdf](http://crv.educacao.mg.gov.br/sistema_crv/banco_objetos_crv/%7BE9F7E455-BC41-480C-BB41-6BC032BE8999%7D_livro%20de%20artes.pdf) – acesso em 14-11-2013

<http://portal.mec.gov.br/seb/arquivos/pdf/introducao.pdf> - acesso em 05-11-2013

<http://revistaescola.abril.com.br/politicas-publicas/planejamento-e-financiamento/podemos-vencer-exclusao-digital-425469.shtml> - acesso em 10-10-2012

<http://www.bluemangroup.com.br/> - acesso em 04-11-2013

<http://www.broadway.com/shows/stomp/> - acesso em 04-11-2013

<http://www.infoescola.com/artes/a-fotografia-de-henri-cartier-bresson/>. - acesso em: 12/10/2013

[http://www.slideshare.net/guest726c90f/a-composio-da-imagem.](http://www.slideshare.net/guest726c90f/a-composio-da-imagem) - acesso em:  
23/11/2013

<http://www.uakti.com.br/> - acesso em 25-10-2013